

**CULTURA E INTERCULTURALIDADE
NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA:
SUAS CONCEPÇÕES E SUAS VANTAGENS
SEGUNDO OS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO**

*Reinaldo Ferreira Silva**

*Diógenes Cândido Lima***

RESUMO: O presente trabalho teve como objetivo principal perceber as concepções de cultura e da abordagem intercultural que os professores de língua inglesa da rede pública de ensino no município de Caetité-BA possuem, e de que forma eles acreditam que essas concepções podem contribuir para suas aulas de língua. Pretende-se, ainda, detectar se a língua inglesa tem sido ensinada como língua internacional, ou seja, se os aspectos culturais de algum país falante da língua-alvo têm sido privilegiados, ou obtidos uma ênfase excessiva. A metodologia adotada é de cunho qualitativo e interpretativo, utilizando-se de estudo de campo. O procedimento metodológico utilizado foi a aplicação de um questionário não estruturado com questões abertas a serem respondidas pelos professores versando sobre as teorias modernas de ensino de língua estrangeira, e a prática intercultural nas aulas de inglês. Os resultados demonstraram que os professores têm ciência da importância de oferecer o ensino de inglês numa perspectiva intercultural. Contudo, esses mesmos professores afirmaram não conseguir colocar em prática, constantemente, um ensino de língua abordando questões culturais e, ao comentar as vezes que conseguem colocar em prática, deixaram transparecer uma valorização excessiva da cultura dos países falantes da língua-alvo, em especial, da cultura norte-americana.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura e ensino de língua inglesa; Ensino e aprendizagem de língua inglesa; Interculturalidade.

* Mestrando em Letras: Cultura, Educação e Linguagens pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). Professor auxiliar da Universidade do Estado da Bahia (Uneb).

** Doutor em Educação com concentração em Estudos da Linguagem pela Southern Illinois University at Carbondale (SIUC), com pós-doutorado na Florida International University (FIU), com estudos na área de Linguística Aplicada. Professor Pleno da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).

Introdução

Devido à globalização, as motivações do aprendizado da língua inglesa tomaram uma magnitude diferenciada em relação às outras línguas, pois aprender inglês já não significa apenas estudar a língua de um grupo de falantes que a tem como língua-mãe; é também uma oportunidade de adquirir crescimento pessoal e um conhecimento de mundo diferenciado.

O professor de língua inglesa, além de ensinar conteúdos linguísticos, ganhou a missão de despertar nos alunos o senso crítico nos aspectos interculturais e, ao mesmo tempo, levá-los a refletir sobre seu papel de cidadão, a compreender o outro e sua alteridade, como também levá-los a compreender a importância que essa língua tem para uma comunicação internacional. Isso implica que o professor precisará, também, ser reflexivo, crítico e apto a explorar o conteúdo a ministrar, de forma contextualizada e interativa.

O ensino de uma segunda língua deve ir além da apresentação de vocábulos de forma descontextualizada. O professor precisa ensinar aos alunos a se expressar e a elaborar toda enunciação de acordo com o contexto e o meio social que os envolvem, para que o processo interativo possa determinar o tema, o estilo e a comunicação. Segundo Bakhtin (2002, p.113), “toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada, não pelo significado e pelo significante, mas “pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém.” Esse receptor, que interage através da língua inglesa, provavelmente pertence a outra cultura. Dessa forma, a abordagem intercultural se apresenta e precisa ser levada em consideração.

A relevância da abordagem intercultural para o ensino da língua estrangeira fica evidente na definição oferecida por Santos (2004, p.154):

[...] ação integradora capaz de suscitar comportamentos e atitudes comprometidas com princípios orientados para o respeito ao outro, às diferenças, à diversidade cultural que caracteriza todo o processo de ensino/aprendizagem de línguas, seja ele de línguas ou de qualquer outro conteúdo escolar. É o esforço para a promoção da interação, da integração e cooperação entre os indivíduos de dife-

rentes mundos culturais. É o esforço para se partilhar as experiências, antigas e novas, de modo a construir novos significados

Considerando a língua inglesa como uma língua internacional, percebe-se a necessidade de se adotar uma abordagem intercultural no ensino dessa língua nas escolas públicas. Não se trata de abordar questões culturais apenas para enriquecer a metodologia adotada ou dinamizar as aulas, mas sim de considerá-las como um instrumento que leve os alunos a compreenderem e construir sua identidade cultural. Os Parâmetros Curriculares Nacionais -, PCNs de Língua Estrangeira, consideram os valores culturais o principal objetivo educacional da aprendizagem de uma língua estrangeira, conforme atesta a citação abaixo:

O distanciamento proporcionado pelo envolvimento do aluno no uso de uma língua diferente o ajuda a aumentar sua autopercepção como ser humano e cidadão. Ao entender o outro e sua alteridade, pela aprendizagem de uma língua estrangeira, ele aprende mais sobre si mesmo e sobre um mundo plural, marcado por valores culturais diferentes e maneiras diversas de organização política e social (BRASIL 1999, p.19)

A língua inglesa assume a função de ser o veículo de comunicação na atual globalização. De acordo com Kumaravadivelu (2008), a fase atual da globalização está mudando a paisagem do mundo em três modos distintos: está diminuindo a distância espacial e a distância temporal, ao mesmo tempo, as fronteiras estão desaparecendo. Segundo Leffa (2011, p.20), [...] “para ser cidadão no mundo globalizado de hoje, ao qual todos pertencemos, precisamos conhecer pelo menos duas línguas estrangeiras, a do vizinho e uma internacional”. Esta língua definitivamente é a língua inglesa. De acordo com Lima (2008, p. 2):

Estima-se que mais de um bilhão de pessoas no mundo falam a língua inglesa. Isso significa dizer que, para cada falante nativo dessa língua, existem, aproximadamente, quatro falantes não-nativos.

As estimativas demonstram, ainda, que noventa por cento do que se disponibiliza na *Internet* hoje é feito em língua inglesa.

Ao discutir a importância da língua inglesa, no contexto da globalização, considerando que ela pertence tanto ao falante que a tem como segunda língua, quanto ao que a tem como língua materna, Rajagopalan (2011, p.65) afirma que [...] “essa língua não tem pátria, nem está delimitada a uma região geográfica. É esse novo fenômeno linguístico que devemos nos esforçar para ensinar e aprender, porque é dele que os aprendizes de hoje vão precisar no futuro bem próximo”. Tudo isso demonstra que o ensino baseado em metodologias no estilo gramática e tradução não dá conta de atender às exigências atuais que a globalização requer. Percebe-se a necessidade de oferecer o ensino da língua inglesa numa abordagem intercultural, de forma que o aluno seja levado a refletir sobre sua cultura, assumir sua identidade cultural e, conseqüentemente, aprender a respeitar a cultura alheia.

Cultura e ensino de língua estrangeira

O sujeito, ao falar ou escrever, deixa em seu texto marcas profundas de sua sociedade, do seu núcleo familiar, de suas experiências, além de pressuposições sobre o que o interlocutor gostaria ou não de ouvir ou ler, tendo em vista também seu contexto social. Esse sujeito é o grande responsável pelo que diz em suas relações sociais e históricas com outros sujeitos também responsáveis, formadores, mediadores e extremamente dependentes da sociedade em que vivem. Sobre o uso natural da língua Bakhtin (2002, p.123) afirma que:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato fisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Ensinar a língua inglesa enfocando questões culturais envolve mais que simplesmente transmitir informação sobre países diferentes; falar de cultura requer compilar atividades para desenvolver a competência comunicativa intercultural dos alunos. De forma bem sucinta, Oliveira (2012) recomenda que o professor deva ensinar para, sobre e com cultura. Contudo, a autora enfatiza que adotar uma abordagem intercultural não significa usar uma metodologia diferente nas aulas. Muitos pensam que adotar uma abordagem intercultural nas aulas de língua inglesa significa trabalhar mais uma habilidade além das quatro, que são: ouvir, falar, ler e escrever.

Considerar a cultura como uma “quinta” habilidade no ensino de LE pressupõe separar língua das quatro principais habilidades, ou seja, significa ensinar cultura de forma separada, negando a relação de interdependência que existe entre língua e cultura em cada uma de suas formas e demonstrações, o que acreditamos que deva ser evitado. (FRANÇA; SANTOS, 2008, p. 84).

Siqueira (2012) lembra que o ensino da cultura tem se limitado a itens como comida, festas, folclore da vida diária e estatísticas. Além do fato de ficar explícito que o ensino da cultura da língua-alvo prevalece nas aulas de inglês, não há dúvida que, conseqüentemente, ocorre uma desvalorização da cultura do aluno, enquanto o ideal seria o professor facilitar ao aluno a compreensão da cultura alheia, partindo da cultura dele mesmo.

Ainda refletindo sobre a importância da abordagem intercultural nas aulas de inglês, Lima (2009, p. 184) alerta que “ensinar uma língua estrangeira, portanto, não se resume a traduzir palavras e aplicar regras de uma língua para outra”. O professor precisa preparar seus alunos para situações do uso da língua. Segundo o autor, [...] “esse tipo de aprendiz está sujeito a passar por situações sociais constrangedoras, bem como constranger outras pessoas” (op.cit, p. 184).

Às vezes, o professor até se preocupa em praticar o ensino considerando a cultura como aporte, mas não o faz de forma conveniente. Ele enfatiza tanto a cultura do falante

da língua-alvo a ser ensinada, que acaba por criar estereótipos de que a cultura do outro é melhor, demonstrando falta de senso crítico. Tosta (2004, p.112) enfatiza:

A falta de compreensão crítica do professor pode gerar consequências negativas. Tomemos o caso dos professores de inglês como língua estrangeira no Brasil. Em muitas aulas em cursos de inglês e até em programas de letras em universidades, a cultura estrangeira é apenas apresentada e não discutida seriamente. Além disso, com a intenção de motivar o aluno, às vezes o professor acaba supervalorizando-a; em muitos casos, até em detrimento da cultura local.

O professor que não exercita sua competência cultural crítica acaba por promover uma supervalorização da cultura da língua-alvo, do que resultam estereótipos culturais e, conseqüentemente, cria-se uma aculturação às avessas.

Identidade cultural no ensino-aprendizado de LE

A aquisição de uma língua, seja ela materna ou estrangeira, é constituída por três pilares fundamentais: linguagem, identidade e cultura. A definição de cada um desses pilares depende da perspectiva teórica adotada e da área de pesquisa na qual o pesquisador atua (DUARTE *at al.*,2011). Ainda de acordo com os autores, numa visão bakhtiniana, tanto os indivíduos quanto a linguagem são constituídos na relação interlocutiva, e a determinação de sentidos nas práticas discursivas se realiza nesse contexto de interação.

Segundo Hall (2006), a globalização está provocando um descentramento do sujeito na contemporaneidade. Para o autor, o sujeito assume identidades diferentes, em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Ainda de acordo com o autor, dentro de nós há identidades contraditórias empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.

Considerando que a identidade muda, de acordo com a forma em que o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida. Segundo Hall (2004), não se pode pensar na identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento.

Ao tratar sobre cultura, Weaver (1998, apud DUARTE et al., 2011) propõe uma analogia: compara o conhecimento cultural a um iceberg. De acordo com o autor, esse iceberg cultural mostra que a maior parte de nosso conhecimento culturalmente modelado é invisível e aplicado em nossas interações de uma maneira mais subconsciente. Na parte visível do iceberg – a parte menor, onde é possível ver, ouvir, tocar – estão presentes o aprendizado explícito, a consciência e o conhecimento objetivo. Nessa área existe uma maior facilidade para a ocorrência de mudanças. Na parte invisível do mesmo iceberg – consideravelmente maior do que a externa – concentram-se o aprendizado implícito, a inconsciência e o conhecimento subjetivo. Nessa parte submersa estão as crenças, os valores, os padrões do pensamento e os mitos, por isso as mudanças ocorrem mais dificilmente. Nesse processo de modelagem do conhecimento cultural, a linguagem exerce um papel fundamental, visto que é produtora da realidade e interfere tanto na parte visível do iceberg quanto na parte invisível.

A competência intercultural, diante do exposto sobre a formação da identidade e os conceitos da diferença, requer o (re)conhecimento e o respeito pelas diferenças interculturais presentes nos comportamentos sociolinguísticos, nas concepções e atitudes, bem como nos valores socioculturais acordados pelas sociedades das culturas em contato.

Metodologia e contexto da pesquisa

Esta pesquisa de campo foi realizada no intuito de observar o quanto a crença dos professores de língua inglesa atuantes na educação básica estava em consonância com as teorias modernas sobre o ensino dessa língua numa abordagem intercultural. Dessa forma, buscou-se perceber as concepções de cultura dos professores envolvidos na pesquisa e de que forma eles acreditam que a abordagem intercultural pode contribuir para sua

práxis no ensino de língua inglesa. Segundo Markoni e Lakatos (1996), a pesquisa de campo é um instrumento que proporciona ao pesquisador um bom conhecimento sobre o assunto após o estudo bibliográfico.

Os sujeitos da pesquisa foram duas professoras de inglês de turmas do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública no município de Caetité – BA. Ambas formadas em Letras, com licenciatura em língua inglesa. Uma leciona inglês há 4 anos, desde que concluiu a graduação, a outra ensina inglês há 7 anos, sendo 2, em escola pública. A metodologia adotada é de cunho qualitativo e interpretativo. O procedimento metodológico foi a aplicação de um questionário não estruturado, com questões abertas a serem respondidas pelas professoras. Segundo Mattar (1994), este formato de questionário estimula a cooperação, permite avaliar melhor as atitudes para análise das questões estruturadas, cobre pontos além das questões fechadas e proporciona comentários, explicações e esclarecimentos significativos para se interpretar e analisar as perguntas com respostas fechadas.

Análise e resultados

Os resultados demonstraram que as duas professoras têm ciência da importância de oferecer o ensino de inglês numa perspectiva intercultural. Em suas respostas, enfatizaram a importância de abordar aspectos culturais em suas aulas de inglês. Contudo, elas deixaram transparecer uma valorização excessiva da cultura dos países falantes da língua-alvo, em especial, a cultura norte-americana.

As duas professoras demonstraram ter conhecimento teórico sobre a importância de abordar aspectos culturais durante as aulas de inglês como língua estrangeira. A professora A¹, por exemplo, ao responder a uma questão que versava sobre a relação língua e cultura, foi enfática: “O ensino de uma língua estrangeira promove o acesso a uma nova cultura. A abordagem de aspectos culturais pelo professor em sala de aula aumenta a curiosidade e a motivação do aluno para aprender e conhecer a língua estudada.”

¹ A professora que leciona inglês há 7 anos será identificada como A, a outra, como B.

Ao expor sua visão sobre a interculturalidade em sala de aula, a professora A demonstra bem seu conhecimento, e posicionamento, sobre os aspectos culturais nas aulas. Percebe-se que ela associa ensino à formação do aluno:

O desenvolvimento do ensino de línguas por meio de abordagem intercultural exige bem mais que vontade de ensinar do professor e de aprender do aluno sobre novas culturas. Exige o entendimento de mundo através da perspectiva de pessoas de outras nações, bem como reconhecer e desconstruir preconceitos existentes.

A professora B, por sua vez, associa os aspectos culturais no ensino da língua inglesa à oportunidade de fazer as aulas mais interessantes, conforme atesta o seguinte excerto: “Quando o professor perde a oportunidade de abordar aspectos culturais e interculturais, perde uma rica oportunidade de aumentar a curiosidade e a motivação dos alunos para aprender e conhecer a cultura-alvo.”

Apesar de se mostrarem conhecedoras da importância que a cultura tem para o ensino de língua, as professoras demonstram ter dificuldade em colocar em prática os conceitos que elas defendem. Ao serem perguntadas sobre sua práxis, ambas disseram ter dificuldades em aplicar suas teorias durante as aulas: Vejamos como exemplo a resposta da professora A:

Acredito que não seja fácil para o professor de língua estrangeira se utilizar da cultura do país falante para planejar todas suas aulas. No entanto, o professor pode uma vez ou outra discutir a história, geografia e hábitos das nações falantes da língua estudada. Muitas vezes os alunos, em especial os dedicados e curiosos, já vão para as aulas com alguma bagagem sobre a cultura a ser estudada, o que acaba contribuindo e ajudando no processo de ensino/aprendizagem.

Percebe-se, na resposta da professora, que ela considera a cultura um conteúdo a mais a ser ensinado, como se fosse uma quinta habilidade, além das quatro já conhecidas no ensino – Ler, escrever, ouvir e falar. Para que o professor aborde uma perspectiva intercultural em suas aulas, ele precisa apenas estar atento e obter uma postura crítica para

que possa aproveitar as questões interculturais no contexto de suas aulas de forma espontânea (FRANÇA; SANTOS, 2008).

Segundo Tosta (2004), muitas vezes, a cultura estrangeira é apenas apresentada e não discutida seriamente nas aulas de inglês no Brasil. Devido à falta de compreensão crítica do professor, ele pode acabar supervalorizando a cultura do outro em detrimento da cultura local. Ao ser perguntado como percebia a cultura na interação dos alunos com sua aula, a professora B respondeu: “Entrando em contato com a cultura, o aluno se sente parte desta cultura e, de certa forma, a vivencia na prática, mesmo nunca tendo visitado o país de língua estrangeira.” Percebe-se nessa resposta que existe uma supervalorização do país falante da língua ensinada.

No intuito de saber se os professores ensinavam a língua inglesa como língua internacional, as professoras foram perguntadas se tinham alguma nação como referência cultural em suas aulas, ambas responderam que tinham a cultura dos Estados Unidos da América.

As respostas das professoras confirmaram as hipóteses de que a abordagem intercultural não estava sendo aplicada em suas aulas em total consonância com as teorias modernas sobre o tema. A maioria dos docentes de inglês como língua estrangeira tem conhecimento, mesmo que superficial, da importância de ensinar essa língua abordando os aspectos culturais. Contudo, muitos têm dificuldades de colocar em prática essa abordagem.

Percebe-se, na pesquisa, que as professoras ainda ensinam a língua inglesa sem concebê-la como uma língua internacional, sem estar voltada à formação do aluno. Segundo Scheyerl (2004, p.65), “integrar o ensino de uma língua estrangeira à formação do indivíduo deve ser um dos objetivos da aula de língua estrangeira”. Com base nessa afirmação, ensinar a língua inglesa é uma oportunidade de trabalhar a identidade, o senso crítico e usufruir da oportunidade de levar o aluno a conhecer a cultura do outro, tomando a sua como referência, ao tempo em que aprende a viver numa sociedade multicultural.

Considerações finais

A abordagem intercultural nas aulas de língua inglesa leva o aluno a assumir e moldar sua identidade, desperta seu senso crítico e o leva a compreender e respeitar tanto sua cultura quanto a dos outros, uma vez que o conhecimento cultural está na origem das reações que a pessoa apresenta e na interpretação que faz das informações que recebe (PADILHA, 2004).

Sabemos que são muitos os fatores que interferem no acontecimento das aulas, além da qualificação e motivação do professor, sendo esses fatores elementos preponderantes para o (in)sucesso do ensino. Como exemplo, podemos citar: a metodologia das aulas; o material didático adotado; o projeto pedagógico da escola; carga horária da disciplina; espaço físico; acompanhamento familiar; políticas públicas de ensino; recursos tecnológicos e até mesmo a motivação externa, uma vez que a escola não é o único espaço social de aprendizagem, embora precisemos sempre considerar que ela é o local onde a aprendizagem deve ser efetivada. Apesar dos fatores citados serem muitos, o professor precisa buscar sempre se qualificar para ter a certeza de que está fazendo sua parte e oferecendo o melhor que está ao seu alcance. A única forma de saber se a prática está adequada é buscando conhecimento teórico sobre sua área.

O trabalho mostrou que as professoras pesquisadas ainda não conseguem colocar em prática esse modelo de ensino e, ao mesmo tempo, não percebem que seus conceitos de interculturalidade não são os que facilitariam sua práxis.

CULTURE AND INTERCULTURALITY IN ENGLISH CLASSES: THEIR CONCEPTS AND ADVANTAGES ACCORDING TO PUBLIC EDUCATION NETWORK TEACHERS

ABSTRACT: This study aimed to understand the conceptions of culture and intercultural approach that English language teachers in the public schools in the city of Caetité-BA have, and how they believe these concepts can contribute to their language classes. It also intends to detect if the English language has been taught as an international language, that is, if the cultural aspects of any speaking country where the target language is spoken has been privileged, or obtained an overemphasis. The methodology is qualitative and interpretative, using field study. The methodological procedure used was the application of a questionnaire unstructured with open questions to be an-

swered by the teachers dealing on modern theories of foreign language teaching and intercultural practice in English class. The results showed that teachers are aware of the importance of providing the English teaching in an intercultural perspective. However, these same teachers said they are not able to put into practice, constantly, a language teaching addressing cultural issues and when commenting the times they can put into practice, they showed an excessive culture appreciation of the countries where the target language is spoken, especially, the North American culture.

KEYWORDS: Culture and English language teaching; English language teaching and learning; Interculturalism.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M.M./ V.N.Voloshinov. A interação verbal. In: _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 10. ed. São Paulo, Hucitec, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação média e tecnologia. *Parâmetros Curriculares Nacionais, Códigos e suas Tecnologias. Ensino fundamental. Língua Estrangeira Moderna*. Brasília: MEC, 1999.

DUARTE, Daniela M.; SANTOS, Keila M.; LIMA, Diógenes C. *O professor frente aos dilemas da abordagem de Aspectos culturais na aula de língua inglesa: A interculturalidade em discussão*. Revista de Letras. UESB. Vitória da Conquista v. 3, n. 1 p. 295-308 jan./jun. 2011. <<http://periodicos.uesb.br/index.php/folio/article/viewFile/553/627>> Acesso em 25 out. 2014.

FRANÇA, Oldinê R. de; SANTOS, Cynthia A. B. dos. *Visão e Abordagem Cultural de professores em sala de aula de LE (inglês) e os PCNs*. Revista Horizontes de Linguística Aplicada, Brasília, ano 7, n. 2, 2008. Disponível em: <http://www.revistahorizontes.unb.br/images/horizontes/07_02_2008/07_07-02_2008_horizontes_pgla.pdf> Acesso em 10 jun. 2014.

HALL, Stuart *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A Editora. Rio de Janeiro 2006.

KUMARAVADIVELU, B.A *Linguística Aplicada na Era da Globalização*In: MOITA LOPES, L. P. *Por uma Linguística Aplicada Interdisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2008.

LEFFA, Vilson J. Criação de bodes, carnavalização e cumplicidade. Considerações sobre o fracasso de LE na escola pública. In: LIMA, Diógenes Cândido de. [org.]. *Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 15-31

LIMA, Diógenes. C. de O ensino de língua inglesa e a questão cultural. In: LIMA, D. C. de (Org.) *Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. *Vozes da (Re)conquista: o papel da cultura no ensino da Língua Inglesa*. Polifonia (UFMT), v. 15, p. 01-155, 2008. 8.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MATTAR, Fauze. N. (1994) *Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento, execução e análise*, 2a. ed. São Paulo: Atlas, 2v., v.2.

OLIVEIRA, Adelaide P. Tips for Teaching Culture in a Globalized World. In: LIMA, Diógenes Cândido de. [Editor.]. *Language and its Cultural Substrate: Perspectives for a Globalized World*. Campinas: Editora Pontes, 2012.

PADILHA, Paulo Roberto. *Currículo intertranscultural: novos itinerários para a educação*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004

RAJAGOPALAN, K.anavillil. Vencer barreiras e emergir das adversidades com pleno êxito, sempre com o pé no chão. In LIMA, D. C. de (Org.). *Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. v. 1.

SANTOS, Edleise. M. *Abordagem comunicativa intercultural (ACIN): uma proposta para ensinar e aprender língua no diálogo de culturas*. Campinas: 2004. Tese. Universidade Estadual de Campinas, 2004.

SCHEYERL, Denise. *O novo “eu” sob a perspectiva ecosófica e como ele pode atuar em aula de língua estrangeira*. In: MOTA, K.; SCHEYERL, D. (Org.). *Recortes interculturais na sala de aula de línguas estrangeiras*. Salvador: EDUFBA, 2004.

SIQUEIRA, Sávio. English Language Teaching and the Place of Culture: For a Critical Cultural Immersion. In: LIMA, Diógenes Cândido de. [Editor.]. *Language and its Cultural Substrate: perspectives for a globalized world*. Campinas: Editora Pontes, 2012.

TOSTA, Antonio L. A., Além de textos e contextos: língua estrangeira, poesia e consciência cultural crítica. In: MOTA, K.; SCHEYERL, D. (Org.). *Recortes interculturais na sala de aula de línguas estrangeiras*. Salvador: EDUFBA, 2004.

Recebido em 17/06/2015.
Aprovado em 24/09/2015.